

# O LOULETANO

JORNAL PROGRESSISTA DIRECTOR POLITICO E EDITOR RESPONSAVEL J. P. LAVA

ASSIGNATURAS—Por trimestre, paga adiantada, 500 réis; semestre, 900 réis; anno, 1300 réis; numero avulso 40 réis. Para fora de Loulé acrece o preço das estampilhas.  
Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua de S. Sebastião, 72 e 74, ou á rua da Barbaça 10 e 12—Loulé.

PUBLICAÇÕES—No corpo do jornal, por linha 40 réis; annuncios, por linha de typo common, 20 réis; annuncios permanentes, ajuste particular. Annuncia-se qualquer publicação litteraria recebendo-se 2 exemplares. Os originaes enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

## LOULÉ

No horizonte da *mansa* politica preconizada, e, valha a verdade, seguida pelo actual gabinete, começam a apparecer uns pontos obscuros, que bem podem ser indício de tempestade proxima.

A questão sobre o monopolio dos tabacos tão arrogantemente posta e tão valentemente desenvolvida e sustentada pelas *Novidades*, os ataques directos d'este jornal ao sr. ministro da fazenda, e o murmurio levantado na imprensa em geral a proposito d'uma nova concessão de territorios na Africa Oriental, parecem indicar, com effeito, que não tardará a desencadear-se medonha borrasca de effeitos desastrosos no tranquillo deslizar da vida governativa dos srs. ministros.

As accusações feitas ao sr. ministro da fazenda revestem já um caracter de certa gravidade, e o sr. ministro da marinha verá em breve excitada a fibra patriótica da nação.

Os interesses particulares em lucta na questão dos tabacos, o descontentamento, em grandes cafoteiros do paiz, pelas medidas de justo rigor do sr. Fuschini, sommando-se ás rivalidades constantes, tambem de character pessoal, sobre a concessão africana de territorio e ao natural exagero de patriotismo tão facil de provocar n'estes ultimos tempos, bastam para determinar serias difficuldades e conflictos, que não poderão com certeza ser resolvidos na pacifica marcha d'uma politica *mansa*.

E a falta de homogeneidade entre os actuaes membros do ministerio ainda se não desmentiu, e o apoio sincero e leal de todo o partido regenerador á situação, ainda se não demonstrou, e uma fortissima opposição parlamentar em numero e qualidade, espera provavelmente a abertura das camaras para se affirmar e discutir com elevação propria as medidas de salvação, confeccionadas durante os dois mezes pedidos e concedidos ao governo para o estudo e resolução dos graves problemas de administração publica.

Em taes condições, parece-nos que não é necessario ser propheta para prognosticar um futuro proximo cheio de escabrosidades á situação que, até agora, se tem mantido em perfeita calma politica, n'um

terreno sem escolhos e sem attritos difficéis de vencer.

Já mesmo n'estes ultimos dias boatos de crise ministerial se têm propalado, fallando-se com insistencia na substituição do sr. ministro da marinha, Neves Ferreira, pelo sr. Julio de Vilhena, e avançando-se que a posição do sr. Fuschini é tambem insustentavel.

D'esta maneira continuará a instabilidade governativa, a falta de firmeza e força necessaria para arcar com os embarcos, que há tanto tempo impedem o progressivo desenvolvimento da vitalidade do paiz, reduzindo-o á extrema anemia economica e financeira em que hoje se encontra.

Continuará uma politica de expedientes, em que, muito bem poderão ser servidos os interesses d'uns, satisfeito o orgulho d'outros e assoprada a vaidade de muitos; mas soffrerá a grande maioria: os que trabalham honestamente e pagam honradamente os seus tributos á nação, os que, sem ambições de condemnavel egoismo, modestamente, se empenham no labor constante para o desenvolvimento da riqueza publica.

E a estes resultados nos conduzem as patrulhas, ás *coterias*, que conspirando sem descanço, intrigando por todos os modos e em toda a parte, têm conseguido impedir na evolução governativa do paiz a justa rotação dos grandes partidos politicos. Torna-se, pois, necessario acabar d'uma vez com o parasitismo que só pretende sugar, por *artes* menos dignas, a seiva do paiz elaborada pelo suor dos que trabalham, e implantar a valer o systema de governos fortes, saidos homogeneos dos partidos existentes.

Se o actual governo, como tudo deixa ver, nasceu já fraco e não tem podido reunir os elementos indispensaveis para uma vida desembaraçada, então largue o poder promptamente, ou seja a isso obrigado por uma opposição tenaz do publico, deixando o logar a quem, com mais garantias, possa bem administrar, porque a resolução das questões pendentes não pode nem deve ser adiada por mais tempo.

Mais uma vez repetiremos que, no estado a que chegou o nosso paiz, só um governo francamente partidario poderá

prestar serviços d'importancia real e duradoura. E no momento actual facil é designar o partido a quem compete uma tão nobre missão.

Nas suas duas ultimas sessões a camara municipal de Loulé deliberou, por proposta do sr. presidente, construir uma cadeia comarcã. Na penultima sessão o sr. presidente propoz que a cadeia fosse construida na casa onde foi antigamente o convento da Graça, e na ultima o mesmo sr. propoz que se pedissem ao governo, para o mesmo fim, as ruínas do antigo convento de Santo Antonio.

Percebem? Provelmente não. Pois nós vamos explicar em poucas palavras.

A camara não tem dinheiro para a construção da cadeia no antigo convento da Graça, e não quer ou não pode augmentar o imposto municipal, nem contrair um novo emprestimo; pede então ao governo o antigo convento de Santo Antonio para o vender e ir construir a cadeia com o producto da venda.

Ora, eis aqui está uma operação bem combinada e de grande alcance de vistas.

O cemiterio continua a empestar a villa, a praça do peixe e a da fructa e hortaliças continuam a auxiliar o cemiterio, mas o sr. presidente da camara pensa tão somente em obter o convento de Santo Antonio para construir a cadeia no convento da Graça!

## Desacatos e desaforos

### II

Feitos os devidos preambulos no artigo anterior, continuamos hoje a materia encetada que tem por fim demonstrar que os desacatos da ermida da Piedade tiveram origem muito diversa da que falsamente se foi apresentar ao dignissimo Prelado diocesano.

Bem sabe a illustre Camara municipal aonde está a origem do mal que tem inquietado os habitantes d'esta villa e ferido os seus corações de crentes e religiosos n'estes tempos que vão andando. Bem sabe que o seu fidelissimo advogado, o conselheiro dos seus ultimos procedimentos disparatados, o seu querido padre Athaide, é um dos promotores de todas estas perturbacões; mas a veneravel Camara já agora não quer dar as mãos á palmatoria. Lá se entende.

Pois entenda-se o nobre senado louletano

e... raras. Ambas igualmente boas e religiosas.

—Religiosas?

—Sim.

—Mas, oh doutor, veja que eu tambem sou religiosa e... não era capaz, sabe? Não era capaz de dar um só dos louros cabellos d'elle! Meu Joaquim! Pois haveria alguém no mundo a quem eu cedesse o teu olhar *changeant*, a tua rósea bocca, a tua figura linda? Para isso era preciso que eu já estivesse morta e tu não fallasses com a outra muito perto da minha sepultura. Era preciso que eu já não tivesse forças para alogar entre as minhas mãos de aço e fogo, aquella que pensasse, sequer, em te possuir...

Oh, doutor, pois acha possivel a uma mulher que ama perder chorando o que lhe leva a vida ou mais que a vida e... não tentar como o naufrago que se prende á ultima tábuia, segurar com as duas mãos a felicidade que se lhe escóla por entre os dedos? Oh! não me diga que ha religião assim!

—Digo minha filha, digo. Tu só conheces a religião em theoria o isto é apenas póla em pratica. E o esquecimento da individualidade propria, é o esconder-se... para deixar passar os outros. Os ultimos são os primeiros... disse Jesus, e a minha santa mãe, sempre assim fez.

Estou muito nervoso minha amiga, perdoa-

como quizer, em quanto nós lhe pómos a lume a inconveniencia e insensatez de se deixar guiar e dirigir em assumptos religiosos por quem impudentemente se apresenta em publico como um verdadeiro apostata.

Ora já n'este prodrico passou a ingenua confissão de que pouco ou nada sabemos de *coisas sacras*. E hoje poderá passar tambem a declaração de que nenhum dos membros d'esta redacção é theologo ou canonista, e de que são todos leigos. E verdade tambem que se nenhum é ecclesiastico, nenhum, portanto, pode ser apostata das suas sagradas ordens. Esta confissão e esta declaração não induzem todavia a acreditar-se que sejamos incapazes de estudar e apprender, e para prova da nossa capacidade, vamos expór resumidamente a doutrina canonica acerca da apostazia. O fim que temos em mira com esta exposiçào, a seu tempo será indicado.

A palavra *apostasia* quer dizer deserção, o afastamento de Deus n'algum bem em que o homem é obrigado a perseverar quer por preceito, quer por voto.

Geralmente dizem os canonistas que são tres as especies da apostasia; havendo alguns que, para maior clareza, distinguem quatro, a saber:

- 1.ª Apostazia da fé;
  - 2.ª Apostazia da obediencia;
  - 3.ª Apostazia da religião;
  - 4.ª Apostazia das sagradas ordens;
- (Vid. Div. Thomaz 2. 2. quaest 12. art. 1).

Para o nosso intento não importa fallar das primeiras tres especies de apostazia. Basta-nos dizer em que consiste a quarta, pois que é a que mais apparece e se applica ao padre Athaide, que d'ella faz gala escandalosamente por meio de factos publicos, notorios, incontestaveis e declaradissimos.

A apostazia das sagradas ordens póde ser simples ou aggravada. Tem logar esta quando o ecclesiastico por si mesmo (*propria temeritate*) abandona o estado clerical e despreza o voto de continencia, passando para o estado leigo e de casado, sem mais usar da tonsura e do seu habito proprio. É um facto grave, gravissimo, que o direito canonico pune com penas severas, como é a excommunição *latae sententiae* reservada ao bispo da diocese, tanto por direito antigo como pela constituição *Apostolicae Sedis*, de Pio IX.

Mas não é ainda esta especie de apostazia da ordem, assim aggravada, que vem pa-

ra-me mas eu hei de contar-te amanhã a historia da minha mãe e a minha. E tu saberás o que é *religião*. Tu por enquanto conheces-lhe apenas o bom lado poetico... as meditações... o orgão... as orações francezas, muito doces, muito sublis, muito carinhosas. Lês todos os dias a *Imitation* e não a comprehendes; perdoa-me.

O bispo que no dia da communição te a offereceu impoz-te a penitencia de a abrires todas as manhãs, ao accaso e leres um paragrapho.

Elle não quiz, com isto, fazer mais do que preparar-te, para, no dia em que soffreres, não leres o paragrapho consolader sem, insensivelmente, o beijares...

Vi, por tantas vezes, a minha querida mãe, beijar, com as lagrimas nos olhos, essa *Imitation*, velhinha, que ainda hoje, eu guardo, como uma reliquia, e lhe firei das mãos enregeladas...

Tenho, no sitio, aonde ella a tinha aberta: *De l'eternité bienheureuse et des misères de cette vie...* Um anel dos seus queridos e brancos cabellos, a servir de signal. E não se passa um dia, principalmente dos tristes, sem que eu cubra de beijos esse cabelo adorado. Tu ainda não dás valor, Carminho.

Tens vinte annos.

Quando tiveres mais dez, saberás se tenho razão. (Continua).

## (17) FOLHETIM DO LOULETANO

NOTAS A LÁPIS

### Na carteira de uma ex-collegial

Aldeia do C. 22 de março

Quando obtinha licença, o João era sempre o mesmo. A sua figura escultural só se dobrava para ella e só para ella murmurava palavras carinhosas. Chegou mesmo a dar-lhe o retrato vestido de marinha, com a *boina* no alto da cabeça e a fluctuante camisola fazendo sobressahir, ainda mais, a *seuplesse du maitrot*.

Mas, ultimamente, o pae do João morrera; a mãe ficára muito pobresinha e quasi cega. O rapaz ia acabando o tempo. Arranjára por lá, entre muitos, outro namoro sério com uma rapariga que por elle ser muito bonito, o amava tambem muito. E além d'isso era alfaiata, ganhava e tinha *alguma coisa de seu*. Não sei que *alma caridosa* informou d'isto a Maria Luiza; sei que, quando elle veio á aldeia, foi ella a primeira a pedir-lhe que... casasse com a outra.

O João que, como homem, tinha um coração enorme e que embora gostasse da Maria Luiza amava tambem a outra, aceitou o conselho; não sem se affligir e sem lhe prometter a ella uma dedicacão e uma saudade immorredoura... E desde então a Maria Luiza

andava como as pombas... vivvas.

Fugia do convivio e chorava.

Então, como depois de me confarem isto, eu olhava para ella, por entre as minhas lagrimas, via-a muito séria e muito pallida, com a cara descoberta e o olhar pousado em mim. Achei-a tão bonita apesar do martvrio que se lhe lia no rosto, que não pude furtar-me a dizer-lhe:

—Se o amas para que o dás?

E ella com um sorriso de santa, respondeu-me:

—Porque a mãe d'elle está cega e eu não quero que elle morra a trabalhar por nós ambas. A outra... é rica... eu gosto muito d'elle e... mais nada.

Impressionou-me tanto aquelle character, incommudou-me tanto a rapariga que, ao subir a rua encostada ao braço do medico, não pude eximir-me a dizer-lhe o muito que estranhava aquelle procedimento. Mas com grande surpresa minha o dr. Castro tinha os olhos cheios de lagrimas e apertando-me a mão, disse-me: Pois olha, é a primeira mulher que me faz lembrar minha mãe. Guardadas as distancias que se pódem guardar entre duas mulheres: uma excepcionalmente illustrada, espirituosa e fina; outra inculca abandonada e pobre. Mas ambas igualmente caridosas

ra o nosso caso: pois não consta effectivamente que o padre Athaide contrahisse publicamente matrimonio, nem mesmo que tivesse tenção de o fazer. Nada de juizes malvelos!

A apostazia em questão é a apostazia simples, isto é, o abandono do estado clerical e passagem por livre vontade (propria tenentate) para o estado leigo, não usando mais o ecclesiastico nem a tonsura (coroa) nem o habito proprio (batina). E este facto é bem publico, ninguem d'elle pôde duvidar, como ficou apontado no nosso artigo anterior.

Esta ultima especie de apostazia é punida no direito canonico com as seguintes penas:

a) Excommunião *ferenda sententia*; que ainda está em pleno vigor, visto a Constituição Apostolica *Sedis* nada ter revogado n'estas excommuniões, mas somente nas *lata sententia*. (c. 1 de *Apostatis*)

b) Pena d'infamia (cap. *Alieni erraris, caus. 2, quæst. 7*)

c) A perda do privilegio da ordem clerical, de sorte que qtem desançar o apostata não incorre no Canon *Si quis suadente diabolo caus. 17, 9, 4*

d) E finalmente, se as advertencias dos amigos e as exhortações do superior foram inefficazes para que o apostata volte ao bom caminho e torne a vestir o seu habito, então o caso é mais serio, não se deve deixar andar o homemsinho á solta e pelo contrario deve o seu prelado mandal-o encarcerar em dura prisão (*dura carceri*) como expressamente o determina o cap. *Anobis* *liv. 5 tit. 9 de Apostatis*.

Pena é realmente que a legislação constitucional roubasse ao prelado o direito da applicação d'este ultimo castigo, abolindo o foro ecclesiastico, e mandando demolir os aljubes. Se não fora isto, sempre poderíamos alimentar a esperanza de não toparmos com apostatas, por essas ruas a passearem á redea solta, quando em antigos tempos apenas se viam em dia de S. Bartholomeu.

Ora veja-se a *santa* camara municipal n'este lindo espelho. Aqui tem as penas que hão de ser applicadas na sentença que julgar canonicamente e seu leal amigo e fiel conselheiro padre Athaide. E diga-nos agora muito á puridade se quem tem suspensa sobre a vazia cabeça esta gloriosa coroa, que para de facto lhe cair em cima basta unicamente instaurar-se o respectivo processo e dar-se a sentença (*ferenda sententia*), diga-nos se quem está n'estas circumstancias miserandas, tem auctoridade para fallar em desacatos á religião, e para incutir no animo d'uns pobres ignorantes camaristas esse espirito de falso zelo que pede em tribunaes civis e ainda no tribunal episcopal o desaggravo dos taes fabulados desacatos e desaforos de ermidã da Piedade.

Desacatos e desaforos verdadeiros são os actos da vida publica do apostata, que mette a desgraçada camara n'estas cavallarias altas d'onde ella se tem despenhado, não como um gato caído d'um telhado, pois que este ainda ficará de pé; mas como um pobre sapo caído em charco imundo.

Nós já temos dó da esfarrapada camara, que, bem liquidado isto, anda a fazer a triste figura de indecente brinquedo e pabulo repugnante do escaravelho do apostata. Mas não faça isto o venerando senado, e se não quer aceitar nossos avisos sem os contraporar, intime o doutor theologo, jurisconsulto e canonista a evidenciar a nossa ignorancia das cousas sacras, a demonstrar que erram estes pobres leigos, quando mettendo a foice em seara alheia, lhe caracterizam os actos canonicamente criminosos, e lhe apontam as penas que necessariamente hão de ser exaradas na sentença de condemnação.

E se não responder á intimação, mude então a camara de rumo, e ao invéz do que tem praticado, e no rigoroso cumprimento do seu dever, vá, como representante do povo que aa sua totalidade é religioso, vá, com os parochos de Loulé á frente, vá ao paço episcopal de Faro, e, de joelhos aos pés do dignissimo prelado, suppliche que se instaure o respectivo processo do apostata e se lhe applicuem as penas devidas. Vá, que pratica uma boa obra, cumpre, repetimos, o seu dever. Vá, que o sr. bispo do Algarve lhe fará inteira justiça, porque o seu procedimento, quando baseado em verdadeiras informações, é sempre recto, digno e energico. Vá, que o sr. bispo do Algarve, em oito annos d'excellentissimo governo da sua diocese, sempre incansavel em desradicar abusos e em fazer respeitar as leis e observar as regras da boa ordem, lhe dará muitos louvores e a cubrirá de applausos. Vá a camara, não tenha mal en-

tendidos escrupulos, vá ao paço episcopal de Faro, accete agradecida o nosso conselho, pratique ao menos esta obra de justiça em meio de tantas injustiças revoltantes, e de certo com este novo rumo, poderá livrar o povo das insidias e hypocrisias do phariseu e do apostata, segregando-o da communhão dos fieis e pondo-lhe bem a descoberto a sua infamia.

Agora pedir a punição dos desacatos á imagem da Senhora da Piedade, isso não, *veneranda e veneravel* camara, nossa senhora. Isso não, que taes desacatos não têm penas canonicas. Intime, intime ainda a camara o canonista de casaca a que descubra no direito ecclesiastico quaes as censuras que devem fulminar os devotos que no ardor do seu zelo, embora indiscreto, mas nunca criminoso, trasladaram a santa imagem. E se elle descobrir alguma, ainda que leve, nós de bom grado lhe deporemos aos pés esta penna que se não parle e com que lhe rasgamos a mascara da vileza do seu caracter de padre e de cidadão. Isso não, *illustre senado*.

# VENDEM-SE

Por BAIXO PREÇO accões da empresa do jornal o «Algarvió».

Quem pretender dirija-se á redacção do «Louletano».

## A festa de Nossa Senhora da Piedade

Ainda não está designado o dia para a celebração da festividade, que, conforme a letra da sentença que dividiu a antiga freguezia de S. Clemente — **devendo ter-se como dependentes e filiaes das 2 igrejas os templos e capellas respectivamente situadas nos limites de cada uma d'ellas**, e a affirmação categorica do sr. Arcebispo-Bispo, deverá ter logar na egreja parochial de S. Sebastião.

O sr. Arcebispo-Bispo não achou a opportuno fixar a epocha para a realização da solemnidade religiosa em harmonia com a sua propria palavra empenhada, e entretanto, para não complicar a questão, que bem podia considerar-se quasi resolvida com o *desaggravo*.

Agora a camara diz-se possuidora da capella da Piedade, não obstante não atrevesse a dar um passo sem que primeiro se dirija ao prelado da diocese; as fanfarronadas de *senhoria* são somente para o digno parochio de S. Sebastião, *querendo obrigar-o a assistir a uma sessão da camara, afim de ser resolvida definitivamente a festividade da Piedade*.

Neste sentido se dirigiu ao parochio; e como este se recusasse ao convite, no que estava no seu plenissimo direito, mas delicadamente se puzesse ás ordens da camara na casa da sua residencia ou em qualquer outra que a camara approvovesse designar, em novo officio o sr. presidente da camara declarou *não resolver senão na sala das suas sessões e por isso aguarda a presença do parochio na primeira sessão*.

isto á força de ser ridiculo, chega a ter graça.

E o que dirá o sr. arcebispo-bispo quando souber a maneira *attenciosa* como, por parte da camara, continua a ser tratado o seu subordinado?

Ah! que se o sr. arcebispo-bispo tivesse dado ao celebre requerimento do sr. vice-presidente da camara o despacho unico que elle merecia — *requeria em termos* — talvez que a camara não continuasse a manter-se tão arrogante e tão desconhecadora dos direitos dos outros.

Enfim, o que resta já agora é que o sr. arcebispo-bispo faça côro com a camara nas censuras ao parochio de S. Sebastião, por este se não prestar a ser servil e incoherente!

Por hoje não temos espaço para mais; no proximo numero continuaremos e apreciaremos o pretendido direito da camara á posse da capella da Piedade.

**Mez de Maria:**—E' hoje a inauguração do *Mez de Maria*, que com toda a solemnidade se realiza este anno na freguezia de S. Sebastião. A imagem da Virgem achase lindamente ornamentada, tendo aos lados, em dois vasos, duas grandes roseiras brancas, cujas hastes, com grande profusão de flôres, se encontram ao alto do arco da Capella-mór, ficando assim a Senhora toda cer-

cada de lindas rosas, o que produz um conjuncto admiravel de belleza pouco vulgar aqui nas nossas egrejas.

E' este anno o primeiro em que aquella festividade se celebra na parochial de S. Sebastião.

Acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> esposa, partiu para Lisboa, no comboio de quinta-feira ultima, o nosso presado amigo Francisco Valente d'Almeida Miranda.

Que gozem bastante e regressem de perfeita saúde é o que sinceramente desejamos.

Fizeram, na semana finda, exame de instrução primaria no lyceu de Faro, ficando plenamente approvados os seguintes alumnos:

Francisco d'Almeida Rocha, Pablo Garcia Rodrigues, Sebastião Martins do O', Christovão de Souza, Francisco d'Assumpção, Manuel Christovão de Souza, Manuel Christovão de Souza, Antonio Pedro de Souza, Theodorico José, Manuel Antonio do Olival, Sebastião Ferreira e Sebastião Antonio d'Azevedo Corrêa.

Aos examinados e a seus paes endereçamos os nossos parabens.

## AS DUAS NOTAS

Quando no nosso ultimo numero noticiamos o julgamento de Antonio Caiado, terminamos dizendo que este julgamento correrá sem incidentes desagradaveis. Certo porem que o adiantado da hora nos impedia de explicarmos como convinha, a nossa ultima affirmação.

Com effeito não só correu tudo sem incidentes desagradaveis, mas ate houve verdadeiras harmonias de agrado, destacando-se entre ellas duas notas, a nota grave e seria, e a nota alegre e ridicula dos dois advogados, distanciados um do outro, como a aguiã da ra.

O sr. dr. Lapa não precisa dos nossos humildes elogios para radicar, como tem já radicado, a sua indispotavel reputação de primeiro advogado e criminalista da provincia do Algarve. Mas poderá comprehender, se, ex.<sup>ma</sup>, attenta a sua modestia, quanto sinceramente nos entusiasmamos a maneira digna, imponente e até donatrosa como defendeu o seu cliente Antonio Caiado!

O illustre patrono, como os valentes guerreiros intrepidos conquistadores, desembanha a espada do seu verbo convincente e poderoso, e mira o alvo: a defesa do rei sem receios nem dubitações, e flamejar-lhe a coragem na phisionomia serena, sempre imperturbavel, sempre alivado da alizez do brio ante a almejada victoria. Mirou o alvo, e seguiu-o sem deslizes. O caminho a percorrer era como todas as cousas da vida, fútil e terna e tinha espinhos. Mas pouco importa. Ao grador não mingua o folego, não o distrahem as lindas petalas das rosas que se misturam ao perfume dos espinhos que lhe rasgam os pés. Caminha impavido, e com indiziveis triumphos attinge o alvo e consegue em toda a sua plenitude o desejado fim.

Mas, quando ainda vibravam no tribunal d'esta villa os ultimos ecos d'esta eloquencia diamantina, natural e sem effeitos posticos, quando nós em acto de infima admiração saboreavamos o immenso prazer, a fina delicia do espirito a revelação mais completa, que vimos em tribunas algarvias da realeza do talento e da grande altura da intelligencia do advogado, assim como da dignidade, interesse e firme coragem do homem, quando assim rejubilavamos em escondidos gozos, como que por encanto, em magica theatral, se nos abocou que recuavamos oito seculos e que o tribunal judicial de Loulé se transformara repentinamente no palacio feudal do Conde D. Henrique em Guimarães.

Exactissimamente, não ha que ver, a illusão foi perfeita. Então a nota alegre, appareceu em scena o bobo do Conde, o celebre D. Bibas, tão genialmente traçado e tão primorosamente contornado pelo nosso immortal Herculano.

Ah! D. Bibas d'uma figa, quem é que te maltratou, para berrares tão despaupieramente? E já elle se mexia, já elle se bulia, parecia que tinha bichos, carpinheiros!

Enfim, depois do drama era antiga usança rematar-se o espectáculo com a farça. Mas é que nós, enquanto esta durou, estivemos sempre com o coração na bocca, com receios de que alguma das montanhas presentes se collocasse em frente do bobo, e começasse a cantar:

Sempre está mexendo  
Sempre está bulindo  
Olha a mãe  
Não esteja ouvindo  
Sempre está bulindo  
Sempre está mexendo  
Olha a mãe  
Não esteja vendo

Ninguem porem, se atreveu a cantar. A nota alegre continuou sem interrupção por entre montes de ridiculas fanfarronadas.

Vae correndo pelo Algarve a lenda d'um advogado por almeida o ALGAZARRA, o qual defendendo um réu, cuja innocencia fora reconhecida na audiencia pela parte accusadora, começou pouco mais ou menos o seu discurso de defesa da seguinte forma:

Senhores jurados! acabaeis d'ouvir a mais tremenda de todas as accusações que n'aquelle lugar tem feito a um réu o digno agente do ministerio publico.

Uma estrepitosa gargalhada do tribunal e dos assistentes interrompeu o fogoso orador.

Lembramo-nos d'esta lenda ao ouvirmos o novo ALGAZARRA.

Triste, muito triste a posição d'um homem, a quem a vaidade desvaee alguns moritos que a modestia e a seriedade deveriam conservar e polir, mas que pelo seu desmedido orgulho e incoherencia vel insensatez representa scenas burlescas, muito fieis e vivas concretizações das geniaes idealidades que formaram a personificação do celebre D. Bibas.

**Atropellamento:**—Na sexta-feira de manhã e quando descia a praça o trem de que é cocheiro Verissimo Romeiras, uma creança de 4 annos, filho de Maria Rosa, atravessou por deante dos cavallos sendo n'esta occasião colhido para debaixo das rodas do jogo deanteiro, que lhe passaram por cima.

Não sabemos bem o estado em que a infeliz creança ficaria, mas é de prever que seja grave, porquanto o trem ao passar-lhe por cima ia carregado de passageiros.

Casou em S. Braz d'Alportel no dia 26 do corrente o sr. José Pereira da Machada junior, com ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria do Rozario Antoino.

O noivo, um excellentissimo cavalheiro, e a noiva uma galante e bondosa menina, têm diante de si um porvir esmaltado de prosperidades. Assim lh'o desejamos.

Por absoluta falta d'espaco retiramos a noticia em que o nosso solicito correspondente de S. Braz se refere circumstanciadamente a

este auspicioso enlace. Irá no proximo numero.

Ao nosso illustradissimo collaborador o ex.<sup>mo</sup> sr. M. M., auctor da *Questão Social*, rogamos nos desculpe a interrupção feita á publicação do seu magnifico artigo. Dada a especial consideração com que apreciamos tudo o que sae da sua penna, só uma circumstancia poderosa como a da absoluta escassez de espaco com que luctamos, nos pôde fazer incorrer n'esta falta.

No proximo numero continuaremos a publicar o artigo involuntariamente interrompido.

## Caminho de ferro do sul e sueste

### Faro

Meu caro dr. Lança:

Confiança na nossa velha amizade, e no direito de defeza que tem todo o accusado, peço-lhe que me conceda um canto do seu jornal, para umas explicações.

Nos ultimos numeros d'elle, têm-se apreciado desfavoravelmente umas cousas que dizem respeito á estação da linha ferrea do Sul, em Loulé, e que tocam muito de perto na minha individualidade de chefe da Secção de Via e Obras, a cargo de quem estaria remediar alguns defectos que o autor dos artigos, a quem me refiro, alli nota, se elles na minha opinião existissem, ou se não estivessem ja de antemão remediadados.

Ainda que, muito poucas vezes, em boa hora o diga, tenho lido occasião de vir á impransa responder a apreciações d'ella sobre o serviço de que estou encarregado, nunca o fiz; e esta a primeira vez que uso d'esse direito.

Não por que a imprensa me não tenha merecido sempre toda a consideração, mas por que preferia deixar esses casos sujeitos ao juizo dos meus superiores e do publico conhecedor do assumpto, quasi sempre juizo recto e desapassionado.

Depois porque nem sempre a essas apreciações tem presidido o mais fino criterio.

Os censores d'officio, meu caro Jacintho, poucas vezes se dão ao trabalho de estudar bem as questões de que tratam, de conhecer se ha verdadeira razão de se criticar isto ou aquillo, finalmente, de ajuizar-se um funcionario, que tem a seu cargo a administração d'uma propriedade do estado, pode ou deve fazer, principalmente nos tempos que vão correndo, tudo quanto a imaginação mais ou menos fértil, mais ou menos esquentada d'um articulista, phantasia a bem da commoidade, do bello e do elegante.

Tristes funcionarios os d'hoje! Se até as successivas reformas vão apanhando a sua conta. Mas vamos ao que importa.

Era proposto meu não responder a taes assumptos, quando vi no ultimo numero do seu acreditado jornal, em continuação d'outro anteriormente publicado, um artigo no qual o auctor d'elles, querendo, por uma intenção amavel, que muito me honhara, desviar de mim a responsabilidade dos erros que noton, dirigiu-me umas expressões bem liçõesas, que muito agradeço, mas em que se manifesta perfeitamente injusto.

Em primeiro lugar porque não mereço as amabilidades que me dirige, e, em segundo lugar, porque desviando de mim essa responsabilidade vou fazer a cair toda sobre os poderes, meus superiores. Ora é isso o que por forma nenhuma desejo.

Nunca me vesti com as penhas do parvo, nem nunca fago gala das prendas de que não faço uso, como dizia o capitão-mór da Morgadilha. Se na estação de Loulé ha erros, ha defectos, na parte respeitante ás minhas funcções, a culpa e minha, que os não tenho apontado superiormente, porque, até hoje, posso affoanamente dizel-o, ainda não foi proposta alguma tendente a melhorar o serviço da minha secção, que ella não fosse logo superiormente approvada.

Posto isto, e tomio esta já vae longa, permitta que eu passe já a refutar as accusações que o articulista do Louletano, e dirige a este serviço, embora algumas d'ellas não se relacionem com as funcções do meu cargo.

No primeiro artigo, queixa-se o auctor, da falta de asseio na estação de Loulé; de não estar aberta ao publico a sala de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classe; de a estação de S. Marcos ter mais commoidades do que aquella estação; finalmente do pavimento da egreja; e que os passageiros, estar arrebaldado, sem que ninguem lance para, call os seus olhos complacentes. No segundo artigo queixa-se de que havendo n'aquelle estação um cruzamento de dois comboios, ha só uma linha de reguardo (!) e que isto pôde occasionar um choque entre elles e termina pedindo o augmento de mais outra linha. Eis resumidamente o libello accusatorio.

Respondendo, pois, direi; não sei bem qual é a falta de asseio que o articulista alli nota e que esteja a cargo do meu serviço remediar. Talvez por a estação precisar de ser agora esçada? A estação de Loulé é, como todos os edificios d'esta secção, caida regularmente, quando precisa, e se o não tem sido já é porque a quadra das chuvas tem-se prolongado este anno, e não é decerto esta occasião a melhor para se proceder a este serviço. Era gastar cal sem proveito? A sala de passageiros de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classe está aberta ao publico; e essa a ordem que tem, que tepe sempre o chefe da estação; se a não tem cumprido á risca creia que não é por culpa dos seus chefes. A comparação das commoidades das estações de S. Marcos e de Loulé, dá o seguinte resultado: a estação de Loulé tem habitação para o chefe (cinco casas grandes) quarto para um empregado, quarto para carregadores, escriptorio, gabinete do chefe, vestibulo, sala de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classe, sala de 3.<sup>a</sup> classe e um corredor; a estação de S. Marcos tem habitação do chefe (cinco casas pequenas) quarto para carregadores, escriptorio, vestibulo e... mais nada. A differença é pequena como se vê. O pavimento do caes de passageiros já tem o orçamento da reparação approvado ha tempo, o só se espera a occasião opportuna para se fazer; finalmente para evitar os inconvenientes que o articulista recia do cruzamento n'aquelle estação de dois comboios, foram o mez passado, collocados dois discos de signaes, protectores, fora das agulhas; discos proprios para estes casos, o que é mais do que o sufficiente para a segurança dos comboios ali. Digo que é mais do que o sufficiente, porque attenta a qualidade dos comboios que ali cruzam, basta que as manobras sejam bem dirigidas para que elles não possam chocar de forma nenhuma.

Enquanto á segunda linha, não só não foi nunca ali necessaria, porque ha além da linha de reguardo, a linha do caes, que comportam bem todo o material que ali haja para seguir e dos condioes que cruzam, mas menos necessaria hoje e depois dos discos a que me refiro.

Por ultimo sempre direi ao illustre articulista, que a titulo de curiosidade compulse a estatistica do rendimento das estações de Faro, Loulé e Messines, e verá a desillusão que soffre.

Desculpe-me meu caro doutor este desabafo e creia-me De v. etc.

22 de abril de 1893

EDUARDO GARRIDO.

Ao illustre signatario do artigo que antecede ponderaremos que ao criarmos este jornal nenhum outro proposito nos guiou que não fosse o de, em tudo, pugnar fervorosamente pelo que represente o bem geral, especializando, porém, e isto muito naturalmente, o que mais directamente prender com os beneficios e regalias do meio a que pertencemos.

Não esqueçamos todavia a nossa humildade de fracos soldados, que o somos, no batalhão brilhante e civilizador da imprensa, e não deixaremos tambem de, intimamente e com sincera magua, reconhecer quão fraca será, por isso, a nossa cooperação para a sublime obra do aperfeicoamento social em todos os seus complexos ramos;

mas porque o não esquecemos e reconhecemos, mal iríamos, entretanto, se ao serviço d'uma tão nobre causa não puzéssemos o que de melhor possuímos, e é o espirito de inalterável rectidão de que temos usado e usaremos em todas as nossas apreciações e referencias, quer estas se verifiquem no agradável plano da congratulação e do encômio, quer hajam de exercer-se no campo ingrato da censura, aliaz justa e necessaria.

D'esta sorte natural é que, por repetidas vezes, e no cumprimento rigoroso da missão que nos impuzemos, se nos antolhe o dever de fazer calar o grato sentimento de velhas ou novas amizades, para não comprometter outro sentimento, decerto mais grato e respeitavel, — o da justiça; mas é que sabemos praticar esse dever com a impavidez de quem, como nós, se acha seguro de que com tal procedimento, embora espinhoso, anteporemos o mais inquebrantavel escudo ás arremetidas dos que, mal inspirados, cusarem appellar nos de falsarios no nosso papel de jornalistas, sem duvida obscuros mas coherentes e justiciros.

Não logramos talvez a gloria de levar todos, ou pelo menos os que de mais perto nos conhecem, ao convencimento d'estas verdades; e assim se nos affigura, desconsoladoramente, ao ver que o nosso illustre amigo Eduardo Garrido, invocando e confiando na velha amizade que nos une para melhor justificar a sua vinda á imprensa, é o primeiro a retirar, a breve trecho, toda a confiança d'essa amizade, com o deixar antever da linguagem do seu artigo, que aquelles a que n'elle se refere, e foram publicados no *Louletano*, não se inspiraram, como cumpria, na rigorosa verdade dos factos, significando ao contrario uns productos de *imaginações esquentadas*, completamente auzentes de *finis criterio*.

Seja... mas... seja igualmente em nome da velha amizade que o sr. Garrido lembra, que lhe desculpem o desfavor com que se digna acolher a doutrina da nossa folha e a somenos consideração dispensada aos nossos escriptos de velhos amigos.

Menos voluntariamente ferido, pelo nosso primeiro artigo, no seu justo orgulho de funcionario que se preza, e nós prezamos, de conspicuamente zeloso, s. ex.<sup>a</sup> não ousa então, como bem se comprehenderia, vir publicamente refutar o que ali se expunha com mais ou menos acidez de censura para os que nós, por logica conclusão, criamos responsaveis dos factos incriminados; mas agora, que segundo artigo se publicou, da mesma forma apontando erros e inconvenientes e unicamente distincto do primeiro que toca a commetter responsabilidades, antes injustamente attribuidas, — o nosso velho amigo acode pressuroso com uma larga lista de queixumes, que, permitta que lh'o digamos, alliam todos á sua pouca razão d'existir uma não menor extemporaneidade d'apresentação.

Porque, em fim, caibam a quem couberem as responsabilidades, — e nós insistiremos em que estas pertencem exclusivamente ás estações superiores, das quaes o sr. Garrido, só por excesso de meticuloso respeito as pretende desviar — nós, alludindo ao mau estado da estação de Loulé, referimos unicamente verdades. É prova-o-hemos, fazendo acompanhar as nossas *accusações das defesas* do nosso illustre e velho amigo.

Dizemos: «Que a estação não reúne as devidas condições d'asseio».

E' nos respondido, que tal falta só pode attribuir-se ao caso do edificio se não achar caído.

Prova da nossa primeira affirmativa, pois ninguém dirá que a falta de caiação n'um edificio que deve estar caído, seja uma prova d'asseio.

Dizemos: «Que a sala de passageiros de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classes estava, com prejuizo para aquelles, sendo substituída pela de 3.<sup>a</sup>».

E' nos respondido, e aqui ha certa audacia de affirmativa, que a sala de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classes está aberta ao publico. Estará agora; ha um anno, ha seis mezes, ha um mez, não estava.

Diz-nos o nosso amigo que a culpa de tal não emana dos superiores. Acreditamos, mas o mal notava-se.

Dizemos: «Que a gare se achava arrombada, n'um vergonhoso estado de desmazelo».

Responde-se-nos, depois de se considerar injusta a accusação, que para os respectivos reparos se acha mettida de ha muito tempo em orçamento uma determinada verba. Conclue-se facilmente d'esta resposta, que se a gare se não achasse effectivamente nas pessimas condições que apontamos, não haveria razão de fazer orçamentos para a sua reparação. Logo... provada a nossa accusação por justa e opportuna.

Dizemos mais: «Que as manobras de comboios se praticavam com grave risco, porquanto havia falta de linhas de resguardo que por outro modo garantissem a segurança d'aquelle serviço».

Justa e sem criterio a accusação, mas... responde-se-nos, que para evitar os perigos de que nos arreceavamos, «foram collocados dois discos protectores, discos proprios para o caso, etc., etc. Ora se não eram de presumir os males que davamos como iminentes, se a falta de linhas de resguardo se não fazia sentir, — para que a collocação dos taes discos, para que prevenir perigos que não haviam?»

Francamente, depois de tudo isto, não primam por justiceiras as considerações do nosso bom amigo Garrido, e a classificação de *censores d'officio* com que nos *presenteia*, deixamol-a intacta, permittindo-lhe assim o poder reservá-la para casos em que a sua applicação seja de melhor cabida. Por que, insistiremos, d'esta vez como sempre, não foi o «amor da arte» que nos conduziu a criticar de factos que, como os que referimos, reputamos dignos de critica; entendemos dever fazel-o e fizemol-o, consciis da razão e seguros de que cum-

priamos um dever inherente á nossa posição.

Tomando a verdade por lemma unico e obrigabo a todos os nossos actos, só d'este campo nos affastaremos quando, por involuntariedade e sujeitos á regra commum da fallibilidade, nos enganarmos. Então, espontaneamente, livre d'incitamentos que não sejam os da propria consciencia, e sem que isso implique de forma alguma com a nossa dignidade, nós rectificaremos com inteiro agrado, porque vae n'isso o testemunho mais cabal d'uma coherencia a que não sabemos fugir.

Como ultima explicação, diremos ainda ao nosso illustre amigo, que nem mesmo quando o apresentamos como um funcionario intelligente e zeloso usámos de menos justiça para com a sua pessoa; leva-o, talvez, a considerar assim a sua muita modestia, mas nós restamo-nos com a grata convicção de que referimos, a respeito de tudo, verdades unicamente.

Muito satisfeitos, portanto.

### Lisboa, 26 de abril

Uma das questões, que ultimamente se tem debatido com mais calor na imprensa, e principalmente no seio da Sociedade de Geographia de Lisboa, e á das missões ultramarinas.

A commissão africana d'esta benemerita sociedade, apresentou um projecto de reorganisação das missões, como medida efficacissima tendente a promover o desenvolvimento e progresso das nossas colonias, e é esse projecto que tem sido e está sendo vivamente discutido.

Ninguém contesta a utilidade das missões; d'ellas se tem servido com optimo resultado ha longos annos a praça Inglaterra, e d'ellas lançou mão tambem a positiva Allemanha, quando modernamente foi atacada do prurido de potencia colonial.

Divergem porém as opiniões sobre a maneira porque a missão deve ser organizada, sobre a feição que ella deve ter, sobre o character, qualidades e mais partes que devem concorrer nas pessoas destinadas á sua constituição.

Quer a illustre commissão africana da Sociedade de Geographia, que ella tenha o character de missão religiosa, que seja a genuina e pura missão catholica, constituida por padres a ella *roticamente* dedicados e obrigados, e para ella devidamente educados e instruidos.

Por isso pede a restauração das ordens monasticas para o nosso Ultramar, querendo uns que ellas sejam organizadas simplesmente com elementos nacionaes, sustentando outros, que o elemento nacional não basta, sendo por isso necessario o elemento estrangeiro, devidamente educado, para servir de nucleo e base á sua constituição.

Exaltam-se os serviços prestados pelo missionario catholico, cuja humilde sandalia tem deixado os seus vestigios nos mais inhospitos sertões africanos, e que empunhando a cruz tem acompanhado sempre os exploradores nas suas mais arriscadas aventuras, pregando a palavra de Deus, e procurando fazer fructificar em taes baldios e semente da boa doutrina.

Tem-se por outro lado estabelecido uma corrente de opiniões em sentido opposto; vê-se na reorganisação das missões catholicas, na restauração das ordens monasticas, um retrocesso, um ataque directo aos principios da liberdade, que cada vez se quer mais e mais ampla, um entrave ao progresso da civilisação da nossa epocha.

Tem sido na verdade gloriosa a missão do padre catholico, mas o que é tambem verdade, é que a missão catholica dos frades e padres das congregações religiosas jamais teve um resultado satisfatorio, verdade esta já reconhecida por um insuspeito ministro da piedosa rainha D. Maria I.

Quer-se oppôr o padre catholico ao missionario protestante; mas é preciso lembrar, (como bem diz o *Seculo*) que tanto as missões inglezas, como as allemãs tem por divisa *Laborare est orare*; os missionarios casados, chefes de familia, são os primeiros a dar o exemplo do trabalho.

As missões catholicas triumpham, aggregando á si as *irmãs missionarias* elementos civilisadores que exercem uma incontestavel influencia sobre a mulher selvagem, e os *irmãos coadjutores* para promover o desenvolvimento do trabalho industrial e agricola, que é o elemento civilisador por excellencia; o padre é praticamente o elemento mais importante da missão.

Como deixou dito, a questão debate-se com o mais vivo interesse no seio da nossa Sociedade de Geographia; n'elle tomam parte talentos de primeira ordem, que seguramente conhecem bem as necessidades das nossas colonias; e que o seu trabalho seja proficuo, para bem do paiz, e a bem d'um futuro pros-

pero para o nosso imperio colonial.

—Continúa a fallar-se com insistencia nas idéas separatistas dos Açores, que querem a sua autonomia administrativa, e parece, que a commissão incumbida da reforma administrativa tenciona occupar-se d'esta questão, fazendo aos municipios do Archipelago algumas concessões, como a de poderem applicar aos seus melhoramentos materiaes uma parte das receitas provenientes dos impostos indirectos.

—Tem levantado grande celeuma na imprensa a questão da concessão chamada *Quelimane Chire*, que segundo alguns deixa a perder a vista o celebre tratado de Lourenço Marques.

E' certo ser o sr. Neves Ferreira um dos membros mais sympathicos do actual gabinete, d'um character nobre e digno, e dotado de excellentes qualidades, por todos tem sido apreciado como merece, e reconhecido como estando á altura do logar que occupa.

Este acto porém da sua gerencia, porque consta ter já sido assignado o decreto de concessão, está sendo quasi geralmente criticado e reprovado, como sendo uma alienação da parte do nosso poder colonial, altamente prejudicial ao paiz, e em beneficio de Inglaterra e dos primitivos concessionarios.

Diz-se que o nobre ministro da marinha foi levado a isso por altas imposições, mas, se ainda é tempo, fazemos sinceros votos para que elle as não accete, e resolva com toda a independencia do seu character tão sómente o que for a bem do paiz.

—As *Novidades* proseguem na sua campanha contra o celebre emprestimo dos tabacos, e titulos de D. Miguel, e muitos jornaes da provincia, por ellas citados e extractados, se tem posto a seu lado pedindo se faça a maxima luz sobre tão grave questão.

Não sabemos os progressos que ella tem no tribunal, a que está affecta: parece, porém, que o ministerio da fazenda ainda não forneceu os documentos, que se exige sejam publicados, pelo que não tem faltado criticas e censuras ao respectivo ministro, que, antes de ser chamado aos conselhos da coroa tanta publicidade pedia para tudo o que fosse de interesse do publico, tanto pugnava pela justiça e moralidade na publica administração. Como já dissemos, tambem nós estamos ao lado das *Novidades* n'esta campanha tão nobremente encetada; mas, apesar de confiarmos muito no character do sr. Fuschini, na sua nobre independencia, e em que elle não quererá ser incoherente nos seus actos, deixando de auxiliar os que se empenham em liquidar honradamente esta questão, parecemos que ella terá a mesma solução, que tem tido outras similares, que entre nós se tem ventilado.

—Sendo a questão do sulphureto de carbone tão importante para a viticultura, visto to ser elle a principal arma contra o terrível phyloxera, tem-se o governo, occupado ultimamente d'elle, e parece tel-a resolvido optando pela liberdade de fabricação, salvaguardados os legitimos interesses dos viticultores, e da industria existente, obtendo-a além d'isso uma diminuição nos encargos do estado: parece porém, que os povos do Douro não ficaram satisfeitos com esta solução, crendo por isso, que ainda não está a tal respeito dada a ultima palavra.

—A insurreição operaria na Bélgica chegou felizmente ao seu termo, mas não sem deixar após de si um rasto de sangue, o que é sempre para lamentar.

A camara approvou a proposta feita por M. Nyssons, estabelecendo o voto plural, e cre-se que o senado, dentro de duas ou tres semanas, approvará a reforma constitucional adoptada pela camara.

O partido operario alcançou assim uma brilhante victoria; mas realisarão as deliberações da camara e do senado as aspirações dos operarios? é isso que resta ver.

Esta insurreição belga, o projecto do *home rule* na Inglaterra, o movimento operario na Allemanha, e tantos outros phenomenos de transformação social, que dia a dia vão chegando ao nosso conhecimento, levam-nos á convicção de que a velha phrase de Pelletan: — *Le monde marche*, — jámais deixou de traduzir uma grandissima verdade.

A ascenção do quarto estado á vida politica iniciou uma nova phase social.

O importante jornal francez *Le Temps*, estremo defensor da politica conservadora, e consequentemente adversario intransigente do socialismo, estudando e apreciando os phenomenos sociaes que se vão operando em quasi todos os paizes civilisados, confessa, que a constituição fundamental das socieda-

des modernas está posta em jogo, e é batida em brecha.

Oxalá que essa transformação social, se é que tem de obedecer a uma lei fatal, se opere lentamente, só pela evolução, sem contradicções, sem abalos violentos, que representam sempre, a meu ver, desgraças enormes de tristissimas consequências, e um retrocesso no caminho do progresso e da civilisação.

(Do nosso correspondente).

### Faro, 27 de abril

Ao diuturno silencio, que tenho guardado, resolvi pôr termo no dia de hoje com estas desataviadas noticias, que a espontaneidade dictou, bem que inteiramente capacitado de que nenhuma falta fizeram a tão acreditado jornal, á sombra protectora do qual, espero, desaparecerão as imperfeições das minhas mal alinhavadas correspondencias.

—Asentou-se no dia 20 do corrente mez para Lisboa, afim de fazer extracção de um cancro, que ultimamente o affligia, o sr. Manuel José Sanches, cavalheiro muito estimado n'esta cidade, cujos habitantes no domingo, 23, em que foi operado, sobejamente demonstraram a sympathia e estima, que sempre lhe tem dedicado, dirigindo-se, prestrosos, á casa da residência da familia Sanches, afim de se informarem do resultado da operação, recebendo a alegre noticia, segundo uma participação telegraphica, de ter corrido perfeitamente, por cujo bom resultado foi rezada uma missa na igreja do Carmo, d'esta cidade; á qual assistiram muitas pessoas.

—Regressou a esta cidade, depois de uma curta estada em Lisboa, o nosso amigo sr. Jacintho da Cunha Parreira, um dos redactores do *Districto de Faro*.

—As observações meteorologicas do saraçoano Leon Hermoso, mais uma vez vieram confirmar os seus credits, pois que n'estes ultimos dias temos sido visitados por chuvas e ventanias.

—No dia 19 do corrente começaram n'este lyceu os exames de instrucção primaria cujo jury é formado pelos srs. Vicente Baptista Pires, Francisco Augusto Quintanilha de Mendonça e Lino Pereira Amores.

São 67 os examinandos e 16 as examinandas.

—Afim de presidirem ao jury dos exames que se devem realisar em Lagos, Silves e Tavira partiram respectivamente para aquellas cidades os srs. professores d'este lyceu: dr. Manuel Thomaz Socio da Silveira, José Judice dos Santos e João Rodrigues de Aragão.

—Está fundeada na ria d'esta cidade a chalupa de recreio, adquirida recentemente em Franca pelo sr. João José da Silva Perreira Netto, honrado proprietario e commerciante d'esta praça.

—Subirá brevemente á scena no theatro *Lethes* a *Gran-Duqueza* que, segundo dizem, deve ter uma brilhante execução, devido á vocação dos distinctos amadores.

—Já se encontram na *Casa de Saude*, procurando lenitivo aos seus incommodos muitas pessoas de fora, tanto nacionaes, como estrangeiros, attrahidos pelos maravilhosos resultados, que tem collido as pessoas, que tem frequentado aquelle estabelecimento; o unico n'aquelle genero em todo o mundo.

—Tem feito notaveis progressos na arte de Niepce e Daguerre o distincto amator, sr. Accacio Adricola Ferreira Chaves, que ultimamente tem exhibido notaveis photographias, nomeadamente a de dois grupos de academicos, um Telles de 60 estudantes, distinguindo-se nitidamente todas as phisionomias.

—As obras do aterro da ria para alargamento e aformoseamento da praça D. Francisco Gomes continua muito morosamente.

(Do nosso correspondente).

LOULÉ—TYP. DO LOULETANO

## ANNUNCIOS

### HOTEL TRES COROAS

134, RUA DOS DOURADORES

LISBOA

Este bem conhecido hotel recebe hospedes desde 600 réis diarios, reservando sempre magnificos aposentos para as familias que previnam por carta ou postal.

Tratamento sem rival.

Casa fundada em 1863

J. B. GONÇALVES.

# HOTEL DAS NAÇÕES

LARGO DA MAGDALENA, 85, 1.º E 2.º ANDAR  
**LISBOA**

Neste hotel, um dos bem acreditados da capital, encontram os srs. viajantes, pelo preço de 17000 réis por dia, um bom tratamento e quartos com o maior asseio.

O PROPRIETARIO,  
Luiz Augusto Brandão.

## ARREMATACÃO

2.º annuncio

NO domingo 30 do corrente mez pelas onze horas da manhã á porta do tribunal judicial d'esta villa, sito na rua do Espirito Santo, hão de voltar novamente á praça, com o abatimento d'uma quinta parte, e arrematar a quem mais der no inventario orphanologico de João Gregorio dos Santos, senior, que foi morador n'esta villa, os predios seguintes:

1.º—Uma morada de casas nobres na rua de S. Sebastião, d'esta villa, que consta de oito altos, tres baixos, e latrina, foreira em 475 réis á Misericordia de Loulé e no valor de 2.240.000 réis.

2.º—Uma morada de casas, terras na rua do Sol, da mesma villa, e consta de tres casas e quintal, foreira ao município d'esta villa em 225 réis e no valor de réis 200.000.

3.º—Uma courella de terra, de semeadura com figueiras, oliveiras e alfarrobeiras no sitio da Cabanita, isempta, no valor de 240.000 réis e todos da freguezia de S. Sebastião, d'esta villa.

As despezas da praça e o pagamento de toda a contribuição de registo pelos arrematantes.

São por este citados quaesquer credores á herança inventariada para a arrematação.

Loulé, 20 de abril de 1893.  
O escrivão,  
Sebastião Drago d'Azevedo Lobo,  
Visto—DUARTE PIMENTA.

## PHOSPHOROS

Amorphos, cera e enxofre

FABRICA DA

Companhia Nacional de Phosphoros

Unica que apresenta o artigo tão aperfeiçoado e por preço sem competencia.

DEPOSITARIO

JULIO MARQUES DA SILVA

RUA MARQUES DA SILVA, 7 (A ARROYOS)

LISBOA

## SILVES

Sebastião Alvares Marques, tem para alugar trens com muito boas parelhas; encarega-se de mandar ás estações de Mesines e Albufeira.

PREÇOS COMMODOS

## COMPANHIA DE SEGUROS A COMMERCIAL

(Sede no Porto)

Effectua seguros maritimos e terrestres contra fogo.

Agente em Loulé,  
Pablo Garcia Delgado.

## ARRENDAMENTO DE CORTIÇAS

O abaixo assignado está auctorizado pela ex.ª sr.ª condessa de Sarmiento a receber propostas para o contracto de arrendamento das cortiças da Torre de Gasteira, Carvalha e Figueira annexas, Espadaneira e Carvoeira, sendo as primeiras situadas no concelho de Evora e esta ultima no concelho de Monte-Mór-o-Novo.

Dão-se as explicações precisas e acceptar-se-ão as propostas mais vantajosas, para a Ex.ª Sr.ª Condessa.

Faro, 24 de março de 1893.

PEDRO MANUEL NOGUEIRA.

## ENXOFRE PARA VINHAS

De varias qualidades, em saccos de 60 kilogram.  
PREÇOS MUITO REDUZIDOS

Manuel Rodrigues Corrêa

LARGO DE S. FRANCISCO  
LOULÉ

## VENDA DE PREDIO URBANO

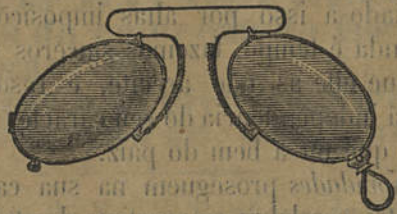
Vende-se uma casa e cavallariça, n'esta villa, que foram do escrivão sr. Drago, e que hoje pertencem ao herdeiro de José Bernardino de Sousa, fallecido em Albufeira.

Quem pretender pode dirigir-se ao dito herdeiro, padre Domingos José de Sousa, em Albufeira.

## GRANDE E COMPLETO SORTIDO

DE

## OCULOS E LUNETAS



EM TODOS OS GRAUS

Louças, vidros, candelieiros e relogios vindos directamente do estrangeiro.

Quinquilherias, bijouterias e outros artigos de novidade no estabelecimento de

Manuel Rodrigues Corrêa

LARGO DE S. FRANCISCO

## VENDA DE CASAS

QUEM pretender comprar doze moradas de casas, terras constando cada morada, de casa de fóra, cosinha e quintal, situadas na rua da Ponte Nova, nos suburbios d'esta villa, dirija-se a João Antonio Rodrigues Mealla, seu proprietario.

## RELOJOARIA

DE

ANTONIO B. GUTIERREZ

Grande e variado sortido de relogios e correntes.

Concerta relogios de todos os sistemas, caixas de musica e bijouterias.

Rua Barbacem, 16, LOULÉ

## EMPRESA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR PARA O ALGARVE E GUADIANA



## GOMES VI

ESTE novo e excellente vapor, da carreira official entre Lisboa, Sines e portos do Algarve, sae de Lisboa impreterivelmente (salvo caso de força maior) nos dias 1 e 16 de cada mez, recebendo carga em Faro nos dias 5 e 20, para sair em 6 e 21.

## GOMES IV

CARREIRA SUPPLEMENTAR

ESTE já conhecido vapor acaba de inaugurar a sua carreira entre os portos do Algarve, Lisboa e Porto, fazendo duas viagens quinzenaes.

Os srs. carregadores serão avisados com antecedencia dos dias em que recebe carga. São excellentes as accommodações de 1.ª e 2.ª camaras d'estes magnificos vapores, e o convez offerece aos passageiros de 3.ª classe commodidade relativa, abrigando-os dos rigores do tempo.

PREÇOS DAS PASSAGENS PARA LISBOA:—1.ª classe, 48000 réis; 2.ª classe, 38000 réis; 3.ª classe, 28000 réis.

## COMPANHIA DE SEGUROS

## TAGUS

FUNDADA EM 1877

SOCIEDADE ANONYMA

de responsabilidade limitada

CAPITAL 1.200.000\$000 RÉIS

Sede em Lisboa, rua da Alfandega, 160—1.º

Effectua

## SEGUROS TERRESTRES

contra fogo casual ou procedido de raio e explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos, em todo o reino, e

## SEGUROS MARITIMOS

contra avaria grossa e particular.

O agente em Loulé,

Manoel Rodrigues Corrêa.

## HOTEL MARQUES

POR CIMA DA ARCADE DA PRAÇA.

LOULÉ

Permanece aberto e optimamente servido este antigo e acreditadissimo estabelecimento, onde todos os seus freguezes continuarão a encontrar, a par do extremo acceio dos quartos, um magnifico serviço de mesa e a maxima modicidade de preços.

## SEBASTIÃO CORPAS

COM ARMAZEM DE CEREAES E ESPARTO

NO LARGO DE S. FRANCISCO

LOULÉ

PARTICIPA aos seus antigos e numerosos freguezes que acaba de sortir os seus armazens com os seguintes generos:—fava, cevada, milho, trigo, feijão, grão de bico, farinha, farelo, esparto, etc., tudo por preços convidativos.

## MOLESTIAS DE PELLE

POMADA STYRACINA, cura prompta e radical de todas as molestias de pelle: as impingens, nodos, borbulhas, comichão, dardos, herpes, lepra, panno, sardas e feridas antigas.

## Creme das damas

Dá á face e a todo o corpo uma delicada branqueira, sem deixar o menor signal; tira as sardas, nodos, borbulhas e encobre os signaes das heixigas. Cada frasco 1\$200 réis.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em valle do correio, a Manoel Pinto Monteiro, Rua da Rosa, n.º 206—LISBOA.

## A'S PESSOAS QUEBRADAS

COM o uso por algum tempo do emplastro ANTEUPHELICO se curam todas as roturas (quebraduras) ainda que sejam muito antigas.

PREÇO DA CAIXA 1\$800 RÉIS

Egualmente se remette pelo correio a quem enviar a sua importancia em valle, ou notas (carta registada) a

Manoel Pinto Monteiro

Rua da Rosa, n.º 206—LISBOA

## TYPOGRAPHIA

DO

## LOULETANO

Esta typographia, que acaba de se instalar n'esta villa, está montada em condições de satisfazer a todas as encomendas taes como: procurações, ordens e mandados de pagamento; attestados, autoações, recibos, quitações de foros, participações de casamento, enveloppes e pape timbrados, e todos os impressos para repartições publicas, etc.

CARTÕES DE VISITA EM BRANCO

100—400 réis, 50—240, 25—160

CARTÃO DE LUTO

N.º 1—100—500 réis, 50—300, 25—200

N.º 2—100—600 réis, 50—350, 25—250

N.º 3—100—700 réis, 50—400, 25—300

N.º 4—100—800 réis, 50—450, 25—350

Garante-se o bom cartão, a promptidão e a nitidez, por isso que esta officina tem boas machinas e typo novo.

## ALMANACH

DE

S. Braz d'Alportel

(ALGARVE)

PARA O ANNO DE 1893

(1.º DA PUBLICAÇÃO)

Editado por

João Manoel Rodrigues de Passos

Contendo, além do calendario e outras indicações uteis, a descripção da aldeia de S. Braz d'Alportel e mais algumas noticias descriptivas referentes tambem a esta RAINHA DA BEIRA SERA, artigos litterarios, versos, anedoctas, receitas, composições enigmaticas, etc., etc.

Vende-se em S. Braz d'Alportel nos estabelecimentos dos srs. João Valente Machado, Manoel Rodrigues de Passos, José Vicente de Moura Faria, Manoel Martins Domingues, José Salvador Alves da Costa, João Viegas Antonio, José Belchior Passos e João Manoel Rodrigues de Passos.

Na Fuzeta—no estabelecimento do sr. Francisco Rodrigues de Passos.

Em Lisboa—na Tabacaria Lima, Praça dos Restauradores n.º 18.

E tambem nas principaes terras do Algarve e Alentejo, etc., etc.

PREÇO 60 RÉIS

## SEMPRE BARATO

FAZENDAS, MODAS E CONFECCOES

MERCERIAS

Vinhos finos do Porto e Madeira

Genebra, cognac e licores

QUINQUILHERIAS

Pannos de seda e crina para peneiras

BOM SORTIMENTO DE GRAVATAS

COLLARINHOS E PUNHO DE BARRACHA

No estabelecimento de

Alexandre J. N. Santos

LOULÉ

## CINTOS ELASTICOS

FUNDAS, MEIAS ELASTICAS, ALGALIAS, MA-

MADEIRAS, ARTIGOS CIRURGICOS, PER-

FUMARIAS, AGUAS MINERAES, PRO-

DUCTOS CHIMICOS, DROGAS, ETC., ETC.

DEPOSITO—PHARMACIA ALBERTO VEIGA

40, R. Retrozeiros, 42

AS PURGACOES

(BLENNORRHAGIAS)

recentes ou antigas, catarrho de bexiga, etc., curam-se depressa e radicalmente com as:

CAPSULAS DE ESSENCIA DE SANDALO CITRINO DE ALBERTO VEIGA, PHARMACEUTICO.

Não estragam o estomago, nem produzem eructações desagradaveis; o seu uso é inteiramente inoffensivo.—Frasco 500 réis; pelo correio 550. Indica-se nos prospectos a maneira do emprego. Exija-se, como garantia, a assignatura de Alberto Veiga.

Depositos em Lisboa: Pharmacia Alberto Veiga, 40, rua dos Retrozeiros, 42; Pharm. Leão, Rocio, 115; Pharmacia Miranda, 228, rua do Ouro. No Porto: Pharm. do dr. Moreno, largo de S. Domingos, 44. Coimbra: Pharmacia L. Ferraz; Pharm. Sobral e Pharmacia Nazareth & Irmão; Evora: Pharm. Guerreiro da Costa.

## AO PUBLICO

QUEM pretender comprar um cornetim d'artista, mas já usado dirija-se a Francisco José Lopes Camillo, impressor do Louletano.